

Olho o espaço sem fim!...Omnipresente!
Incomensurável! Inconcebível!...
Amorfo, verdadeiro, incompreensível!...
Cosmos maravilhoso, surpreendente!

A lógica recusa-o, não consente
Pois nada se faz do Nada, é impossível!...
Então, sempre houve? E antes? É horrível,
Não se poder pensar logicamente.

Passo horas, concentrado!... Penso... Cismo...
Caminho além regiões estratosféricas!...
Fico perdido em um infernal abismo!

Ai, tomba a matemática em vertigem...
De nada valem as expressões numéricas...
Somente Deus pode explicar a origem!

Alúcio Fonseca



*Forte, fiel, façanhudo,
fazendo fortes façanhas*

Diria Camões deste rinoceronte, desafiando o Oceano. As aves brancas povoam-lhe o dorso na limpeza da pele, posando o seu atrevimento. Linda e majestosa a nossa terra, bordejada em rendilhados de espuma num glauco marinho quase agridoce.

Num gesto de ternura, aninham-se povoados nos seus flancos com sonhos de mar e adormecem com histórias de sereias, com ressonâncias de oceano no coração dos búzios. E, quando o sol começa a espargir a sua poalha de oiro, a mente das pessoas ferve de afazeres e de projetos. Fortes na luta pela vida, fiéis à terra e ao mar, vão tecendo com fios de labor e de heroicidade, as horas sacrificadas do seu viver.

Na cumplicidade serena do mar, desventram-lhe o seio na faina pela sobrevivência. Quando os deuses marinhos se enfurecem, exorcizam-no.

Dá-lhes segurança o flanco do monstro adormecido. Nada há tão gratificante como uma mão amiga, um braço forte, um fiel guarda-costas.

No imenso chão salgado semeiam-se esperanças e constroem-se pontes com o mais além. Ser ilhéu não é ser atávico, ensimesmado, sem horizontes. O pulsar da vida também passa por ali, naquele mastodonte de pedra. O horizonte perde-se no olhar, mas ganha-se na entrega do silêncio, salpicado de gaivotas que adejam sonhos de outros mares e outras terras.

Por toda a ilha, à beira mar ou no alcantilado das serras, o mesmo esforço, o mesmo heroísmo, uma audácia igual. São os braços indomáveis, a vontade férrea, a intrepidez da alma. Gigantes anónimos escreveram a história do coletivo no coração do basalto. Gente para quem os frutos tinham o salgado das gotas de suor e o pão dorido era para todos amargo. Ergue-se para eles, em relevo, a lápide da terra e do mar. Que saibam ler, neste Livro, os técnicos da cibernética. Entre o alcantilado das serras e as vertigens laminadas sobre o mar, o horrivelmente belo tece a nossa alma telúrica!

Pe. José Manuel

COMPARAÇÃO QUE NOS REVELA (21)

A Origem dos “Evangelhos”

Assim, as cartas de Paulo e os Atos dos Apóstolos, que nos descrevem a atitude tomada pelos primeiros cristãos, logo no começo, perante Cristo, mostram como eles paravam em Cristo e na Sua presença viva no meio deles. Para eles bastava essa presença viva e amiga que tomou conta do coração de todos. Isso era a Boa Nova, o Evangelho. À medida que se aprofundava essa vivência da fé em Cristo, foram querendo saber mais a respeito d'Ele e começaram a investigar o seu passado e as coisas que disse, fez e ensinou. As dificuldades da vida forçavam-nos a isso, pois o encontro com Cristo vivo deu um novo rumo, transformou tudo, provocando a presença de Jesus no coração dos que o recebiam em seus corações.

Recuaram, então, no passado de Cristo, não por causa do passado em si, mas por causa do presente onde eles se encontravam com as suas dificuldades e onde conviviam com Cristo. Queriam saber melhor o que esse Cristo queria, quem Ele era, de onde vinha, o que prometia. Esse recuo no passado teve o seu ponto mais alto no Evangelho de S. João, que voltou até antes da criação do mundo (Jo 1, 1), esclarecendo, assim, o significado de Jesus vivo no meio deles, não só para os cristãos, mas também para todos os homens e para o universo inteiro.

Portanto, quem for ler os Evangelhos só para encontrar lá dentro história, doutrina, verdades, moral ou alguns elementos para cerimônias, não está a ler os Evangelhos com os mesmos olhos com os quais foram escritos. A leitura dos Evangelhos supõe algo naquele que os lê, a saber: uma convicção de amizade com Cristo vivo hoje no século XXI. É para conhecer esse Cristo e para saber o que Ele exige de mim, que devo ler os Evangelhos.

O Evangelho, a “Boa Notícia” não é, em primeiro lugar, doutrina, não é cerimônia, não é um livro, não é moral, não é história, não são verdades, mas é ALGUÉM, Jesus Cristo: “Para mim viver é Cristo”. Esta é a raiz, o resto é rama e flor. Sem raiz, o resto seca e apodrece. Mas raiz sem ramo e sem flor também não existe.

A doutrina só tem sentido enquanto estiver relacionada com a pessoa de Cristo de quem nasce. De contrário, torna-se um conjunto abstrato de verdades a serem decoradas sem que saibamos para que servem.

A moral cristã só tem sentido e só é cristã enquanto estiver relacionada com esse amigo vivo e presente na nossa vida. De contrário, pode tornar-se

um conjunto de prescrições odiosas. É por estar comprometido com Cristo que o cristão faz as coisas que deve fazer.

A história só desperta interesse porque fala da pessoa amiga. Quem é que está interessado em querer ensinar a toda a gente a história, por exemplo, de Júlio César?

A cerimônia só tem sentido quando existe amizade com a pessoa. Não se celebra o aniversário de quem não se conhece, mas quando se trata de um amigo ninguém falta.

O livro só tem sentido enquanto fala da pessoa. Não se conservam fotografias de gente que não se conhece.

Finalmente, a verdade só tem sentido porque faz saber algo a respeito do amigo. É uma expressão da convicção que me liga a Ele.

A raiz e o tronco de onde tudo procede é a pessoa de Jesus Cristo. Ele é que provoca o interesse. Só a pessoa é capaz de levar a uma conversão e à transformação; não a pura doutrina. O Evangelho antes de ser um livro escrito é uma realidade viva e pessoal. Os escritos feitos por Mateus, Marcos, Lucas e João apenas querem esclarecer este Evangelho vivo. Se não houver este Evangelho na vida, os quatro Evangelhos servem de pouca coisa. Seriam como as cordas de uma viola sem caixa de ressonância ou um mapa geográfico que traça contornos de uma região que não existe.

Talvez aqui esteja uma das causas da crise atual: falta-nos a vivência da raiz, insistimos demasiado nos ramos, dos quais não se vê bem a ligação com a raiz. Uma “notícia” torna-se “boa” quando corresponde a uma expectativa existente dentro de nós. Quem possui tudo, quem não sente falta de nada, quem vive totalmente satisfeito, para esse, nenhuma notícia é boa, porque nada espera. Nele nada existe que possa vibrar. Assim, o facto de vivermos tranquilos e acomodados numa religião que nos agrada, achando que tudo está bom, é o motivo pelo qual a “notícia” de Cristo vivo, entre nós, deixou de ser “Boa notícia” para nós. Tornou-se até “incômoda”, porque nos desperta a atenção para falhas e limites na vida pessoal e social que gostaríamos de ignorar. Em tal caso, essa Boa Notícia vira-se contra nós e torna-se motivo de julgamento, como o foi para os fariseus (Cfr. Jo 3, 19-21).

